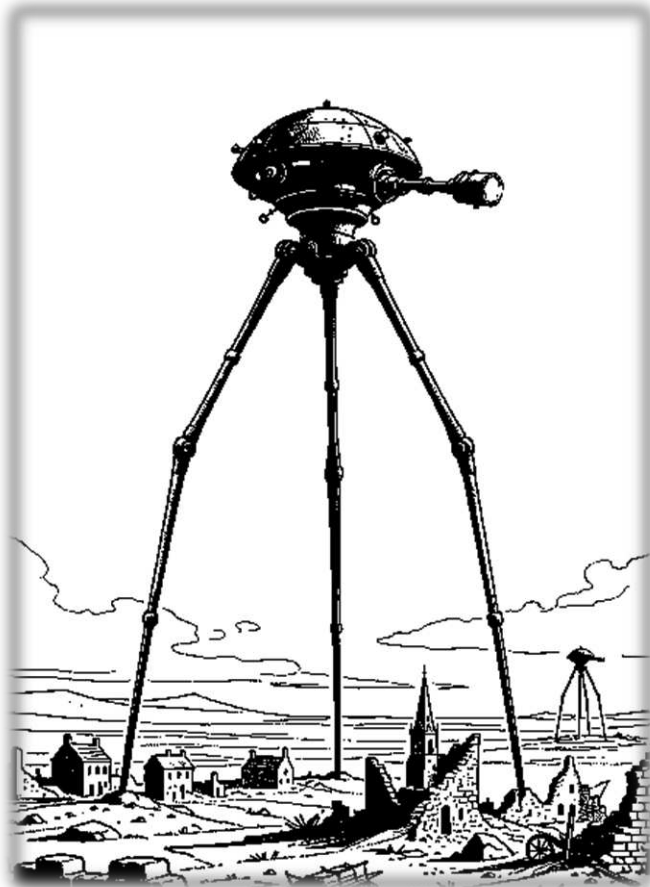


A Guerra dos Mundos

H. G. Wells



Introdução

A Guerra dos Mundos de H. G. Wells

Um estudo sobre a fragilidade das civilizações e a indiferença cósmica

Quando *A Guerra dos Mundos* apareceu em 1898, o mundo encontrava-se à beira de um novo século — animado pelo crescimento industrial acelerado, pelas descobertas científicas e pela confiança imperial. No entanto, por baixo do espírito triunfante da época corriam correntes profundas de incerteza e mal-estar. É precisamente nesta tensão histórica que H. G. Wells situa o seu romance: uma obra que é ao mesmo tempo uma narrativa arrebatadora de invasão extraterrestre e uma meditação profunda sobre a vulnerabilidade humana, a arrogância colonial e a precariedade da civilização.

H. G. Wells, biólogo de formação e comentador social, não se limitava a criar entretenimento ao imaginar marcianos a descer sobre a Inglaterra vitoriana. Engajava-se numa espécie de contra-história especulativa: e se os conquistadores fossem conquistados? E se as estruturas aparentemente inabaláveis do imperialismo ocidental se vissem aniquiladas por uma força mais avançada, mais indiferente, mais alheia do que qualquer coisa que a humanidade alguma vez enfrentara?

O génio de *A Guerra dos Mundos* reside nesta inversão. O Império Britânico — então a potência global dominante — reduz-se a escombros, com o seu exército impotente perante os raios de calor e as armas químicas dos marcianos. Nos subúrbios agitados de Londres instalam-se desertos de multidões em fuga e instituições em colapso. O efeito é deliberadamente desestabilizador: os leitores, habituados a histórias de domínio britânico, são

convidados — talvez pela primeira vez — a imaginarem-se do lado dos conquistados.

Wells, porém, não se limita a inverter os papéis de colonizador e colonizado por mero efeito dramático. A obra reflecte uma indagação filosófica mais funda sobre a natureza do poder e do progresso. Os marcianos não são maus no sentido convencional. São cientificamente superiores, biologicamente evoluídos para além da necessidade de corpos como os nossos, e completamente indiferentes à espécie humana. As suas motivações não são crueldade nem vingança, mas sobrevivência e expansão — princípios que não diferem dos que sustentavam as ideologias coloniais europeias. O paralelismo é tão incómodo quanto brilhante: os marcianos, na sua lógica fria, espelham-nos a nós próprios.

Do ponto de vista estilístico, Wells adopta a voz de um narrador racional e anónimo — um homem de ciência cujo tom calmo e factual só intensifica o horror dos acontecimentos que descreve. Esta escolha confere ao romance uma plausibilidade inquietante. Ao contrário de muitas histórias de aventura da época, *A Guerra dos Mundos* não depende de uma figura heroica para resolver a crise. Não há triunfo final, nem humanidade vitoriosa. Os marcianos sucumbem não a uma estratégia militar, mas aos organismos mais pequenos da Terra — as bactérias —, recordando aos leitores que a sobrevivência humana depende muitas vezes do acaso e não de um desígnio.

Em termos literários, *A Guerra dos Mundos* representa a fusão do realismo científico com a imaginação visionária. Apoia-se nos desenvolvimentos contemporâneos da astronomia, da evolução darwiniana e da termodinâmica para construir um cenário que permanece plausível ainda hoje. Além disso, ajudou a lançar as bases da ficção científica como género literário sério — capaz não só de explorar futuros especulativos, mas também de interrogar as estruturas ideológicas e as questões existenciais do presente.

Mais de um século depois da sua publicação, a visão de Wells continua a perseguir-nos. Os seus temas — o excesso tecnológico, a fragilidade ecológica, a ilusão da centralidade humana — são hoje mais actuais do que nunca. Numa era de perturbação climática, pandemias globais e transformação impulsionada pela inteligência artificial, *A Guerra dos Mundos* lê-se não como relíquia da ansiedade vitoriana, mas como parábola intemporal da soberba humana.

Ler *A Guerra dos Mundos* hoje não é apenas um acto de apreciação literária; é um convite à reflexão. O que define uma civilização? Como reagimos a forças que escapam à nossa compreensão? E, mais urgentemente, o que significa ser humano num universo que talvez nem nos note nem se importe?

Sumário

LIVRO PRIMEIRO A CHEGADA DOS MARCIANOS	8
I. A VÉSPERA DA GUERRA	8
II. A ESTRELA CADENTE.....	15
III. NA CHARNECA DE HORSELL	19
IV. O CILINDRO ABRE-SE	22
V. O RAIOS DE CALOR	25
VI. O RAIOS DE CALOR NA ESTRADA DE CHOBHAM...	30
VII. COMO CHEGUEI A CASA	33
VIII. A NOITE DE SEXTA-FEIRA	37
IX. COMEÇA A LUTA	40
X. NA TEMPESTADE.....	47
XI. À JANELA	53
XII. O QUE VI DA DESTRUIÇÃO DE WEYBRIDGE E SHEPPERTON.....	59
XIII. COMO ENCONTREI O PÁROCO.....	69
XIV. EM LONDRES.....	75
XV. O QUE ACONTECEU EM SURREY.	86
XVI. O ÊXODO DE LONDRES.....	94
XVII. O «THUNDER CHILD».	107
LIVRO SEGUNDO A TERRA SOB OS MARCIANOS	116
I. DEBAIXO DOS PÉS	116

II. O QUE VIMOS DA CASA EM RUÍNAS	122
III. OS DIAS DO APRISIONAMENTO	131
IV. A MORTE DO PÁROCO.....	137
V. A CALMA	142
VI. A OBRA DE QUINZE DIAS.....	145
VII. O HOMEM NA COLINA DE PUTNEY.....	149
VIII. LONDRES MORTA	165
IX. RESTOS.....	173
X. EPÍLOGO.....	178

LIVRO PRIMEIRO A CHEGADA DOS MARCIANOS

I. A VÉSPERA DA GUERRA

Ninguém teria acreditado, nos últimos anos do século XIX, que os assuntos humanos eram observados com atenção minuciosa por inteligências superiores às do homem, embora tão mortais como as nossas; que, enquanto os homens se entregavam às suas ocupações quotidianas, eram examinados e perscrutados, talvez com o mesmo rigor com que um observador, de microscópio em punho, estuda as criaturas efémeras que pululam numa gota de água. Os homens iam e vinham sobre a face do globo, plenos de uma complacência infinita, convictos do seu domínio sobre a matéria. Talvez as infusórias do microscópio alimentem a mesma ilusão.

Ninguém pensava nos mundos antigos do espaço como fontes de perigo para a humanidade, ou, quando o fazia, afastava logo a ideia de que neles pudesse haver vida, por a julgar impossível ou improvável. É curioso recordar certos hábitos mentais daqueles dias já distantes. Quando muito, os terrestres imaginavam que em Marte pudesse haver outros homens, talvez inferiores a nós e dispostos a receber missionários.

Mas, através do abismo do espaço, mentes que às nossas se comparam como as nossas às das feras que perecem — intelectos vastos, frios e desprovidos de simpatia — contemplavam a Terra com olhos invejosos e, devagar, mas com segurança, traçavam os seus planos contra nós. E, já nos primeiros anos do século XX, veio o grande desengano.

O planeta Marte, mal será preciso recordá-lo ao leitor, gira em torno do Sol a uma distância média de cento e quarenta milhões de milhas, recebendo dele luz e calor pouco mais de metade do que chega até nós. Se a hipótese nebular tiver algum fundamento, Marte é mais antigo que a Terra; e muito antes que o nosso globo deixasse

de ser uma massa em fusão, a vida já devia ter começado na sua superfície. O facto de o seu volume ser apenas cerca de um sétimo do da Terra terá acelerado o arrefecimento até ao ponto em que a vida se torna possível. Tem ar, tem água e tudo o que é necessário à existência animada.

No entanto, tão grande é a vaidade do homem, tão cego ele se mostra por ela, que nenhum escritor, até ao fim do século XIX, admitiu a possibilidade de que a vida inteligente ali se tivesse desenvolvido muito além do nosso nível — ou sequer que existisse. Nem era comum compreender que, sendo Marte mais antigo que a Terra, com apenas um quarto da área superficial e mais afastado do Sol, se encontrava não só mais distante do princípio dos tempos, mas também mais próximo do seu fim.

O arrefecimento secular que um dia há-de atingir o nosso planeta já avançou consideravelmente no vizinho. A sua condição física continua em grande parte misteriosa, mas sabemos hoje que mesmo na zona equatorial a temperatura ao meio-dia mal atinge a dos nossos invernos mais rigorosos. O ar é muito mais rarefeito que o nosso, os oceanos encolheram até cobrirem apenas um terço da superfície e, à medida que as lentas estações se sucedem, enormes calotes de neve se formam e derretem em torno dos polos, inundando periodicamente as zonas temperadas. Aquele estado final de exaustão, que para nós ainda parece incrivelmente remoto, tornou-se um problema presente para os habitantes de Marte. A pressão imediata da necessidade aguçou-lhes o intellecto, ampliou-lhes os recursos e endureceu-lhes o coração.

E, olhando através do espaço com instrumentos e inteligências que mal conseguimos imaginar, avistam, a uma distância mínima de apenas trinta e cinco milhões de milhas na direcção do Sol, uma estrela da manhã cheia de esperança: o nosso planeta mais quente, verde de vegetação e cinzento de água, com uma atmosfera nebulosa que fala de fertilidade, e onde, entre os fiapos de nuvens

errantes, se entreveem extensas regiões povoadas e mares estreitos cheios de navios.

Para eles, nós, os homens que habitamos a Terra, devemos parecer tão estranhos e inferiores como nos parecem os macacos e os lêmures. O lado intelectual do homem já reconhece que a vida é uma luta incessante pela existência, e tudo indica que os espíritos de Marte partilham da mesma convicção. O seu mundo avança muito no arrefecimento, enquanto o nosso continua repleto de vida — mas repleto apenas do que eles consideram animais inferiores. Levar a guerra na direcção do Sol é, de facto, a única escapatória à destruição que, geração após geração, os vai cercando.

E antes de os julgarmos com excessiva severidade, convém lembrar a destruição implacável e total que a nossa própria espécie tem causado, não só em animais como o bisão desaparecido e o dodó, mas também em raças inferiores. Os tasmanos, apesar da semelhança humana, foram completamente varridos da existência numa guerra de extermínio travada por imigrantes europeus, em apenas cinquenta anos. Somos nós tais apóstolos da misericórdia que nos possamos queixar se os marcianos guerrearem no mesmo espírito?

Os marcianos parecem ter calculado a descida com uma subtileza admirável — a sua ciência matemática ultrapassa manifestamente a nossa — e executado os preparativos com uma unanimidade quase perfeita. Se os nossos instrumentos o permitissem, teríamos visto o perigo acumular-se ainda no século XIX. Homens como Schiaparelli observaram o planeta vermelho — curiosamente, durante incontáveis séculos Marte tem sido a estrela da guerra — mas não souberam interpretar as variações das marcas que mapearam com tanto cuidado. Durante todo esse tempo, os marcianos devem ter estado a preparar-se.

Na oposição de 1894, uma grande luz surgiu na parte iluminada do disco, primeiro observada no Observatório Lick, depois por Perrotin em Nice e por outros. Os leitores ingleses souberam dela

pela primeira vez na edição da Nature de 2 de agosto. Inclino-me a pensar que aquele clarão terá sido o lançamento da enorme peça de artilharia, instalada no vasto poço cavado no planeta, de onde nos foram disparados os projecteis. Nas duas oposições seguintes, surgiram perto do local daquele fenómeno estranhas marcas ainda inexplicadas.

A tempestade rebentou sobre nós há seis anos. Quando Marte se aproximava da oposição, Lavelle, de Java, fez vibrar os fios da troca astronómica com a notícia espantosa de uma enorme erupção de gás incandescente no planeta. Ocorreu perto da meia-noite do dia 12; o espectroscópio, a que logo recorreu, indicou uma massa de gás flamejante, sobretudo hidrogénio, movendo-se com enorme velocidade na nossa direcção. Esse jacto de fogo tornou-se invisível por volta de um quarto para a uma. Comparou-o a um colossal sopro de chama projectado de repente e com violência do planeta, «como gases em chamas saídos de uma boca de fogo».

A frase revelou-se singularmente apropriada. No dia seguinte, porém, nada disso apareceu nos jornais, salvo uma breve nota no Daily Telegraph, e o mundo continuou ignorante de um dos perigos mais graves que alguma vez ameaçaram a raça humana. Eu próprio talvez não tivesse sabido da erupção se não tivesse encontrado Ogilvy, o conhecido astrónomo, em Ottershaw. Ele estava imensamente excitado com a notícia e, num excesso de entusiasmo, convidou-me a acompanhá-lo nessa noite para observar o planeta vermelho.

Apesar de tudo o que aconteceu depois, ainda recordo distintamente aquela vigília: o observatório negro e silencioso, a lanterna sombreada lançando um brilho fraco no chão do canto, o tiquetaque constante do mecanismo do telescópio, a estreita abertura no telhado — um rectângulo profundo riscado pelo pó estelar. Ogilvy movia-se invisível, mas audível. Pelo telescópio via-se um círculo de azul profundo e o pequeno planeta redondo a nadar no campo. Parecia tão insignificante, tão brilhante, pequeno

e quieto, levemente marcado por riscas transversais e ligeiramente achatado. Mas era minúsculo, prateado e quente — uma cabeça de alfinete luminosa! Parecia tremer, mas era apenas o telescópio a vibrar com o movimento do mecanismo que o mantinha no campo de visão.

Enquanto observava, o planeta parecia crescer e diminuir, avançar e recuar, mas era apenas o cansaço dos meus olhos. Estava a quarenta milhões de milhas de nós — mais de quarenta milhões de milhas de vazio. Poucas pessoas compreendem a imensidão do vazio em que nada o pó do universo material.

Perto dele, no campo, recordo-me de três pontos ténues de luz, três estrelas telescópicas infinitamente distantes, e em redor tudo era a escuridão insondável do espaço vazio. Conhecem o aspecto dessa negrura numa noite gélida e estrelada. No telescópio parece muito mais profunda. E invisível para mim, por ser tão remoto e pequeno, voava rápido e firme na minha direcção através daquela distância inacreditável, aproximando-se a cada minuto por milhares de milhas: a Coisa que eles nos enviavam, a Coisa que traria tanta luta, calamidade e morte à Terra. Nessa altura, enquanto observava, nem sonhava com isso; ninguém na Terra sonhava com aquele projectil infalível.

Nessa mesma noite houve outro jacto de gás do planeta distante. Eu vi-o. Um clarão avermelhado na borda, uma ligeira saliência no contorno exactamente quando o cronómetro bateu a meia-noite; avisei Ogilvy e ele tomou o meu lugar. A noite estava quente e eu tinha sede. Estendi as pernas com dificuldade, tacteando no escuro até à mesinha onde estava o sifão, enquanto Ogilvy exclamava perante o rasto de gás que vinha na nossa direcção.

Nessa noite, outro projectil invisível partiu de Marte para a Terra, pouco menos de vinte e quatro horas depois do primeiro. Recordo-me de como me sentei na mesa, na escuridão, com manchas verdes e vermelhas a dançarem-me diante dos olhos. Desejei ter luz para acender um cigarro, sem suspeitar do significado daquele breve

clarão que vira e de tudo o que me traria em breve. Ogilvy observou até à uma e depois desistiu; acendemos a lanterna e fomos para casa dele. Lá em baixo, na escuridão, ficavam Ottershaw, Chertsey e as suas centenas de habitantes, dormindo em paz.

Nessa noite ele estava cheio de conjecturas sobre as condições de Marte e troçava da ideia vulgar de que o planeta tivesse habitantes a fazer-nos sinais. Para ele, meteoritos deviam estar a cair em chuva abundante sobre o planeta, ou talvez se tratasse de uma enorme explosão vulcânica. Fez-me notar como era improvável que a evolução orgânica tivesse seguido o mesmo caminho nos dois planetas vizinhos.

«As probabilidades de haver algo semelhante ao homem em Marte são de um milhão contra um», disse ele.

Centenas de observadores viram a chama nessa noite, e na seguinte perto da meia-noite, e na outra ainda; e assim durante dez noites, uma chama cada noite. Porque os disparos cessaram após o décimo, ninguém na Terra tentou explicar. Talvez os gases da combustão tenham causado incómodo aos marcianos. Nuvens densas de fumo ou poeira, visíveis através de telescópios potentes na Terra como pequenas manchas cinzentas e flutuantes, espalharam-se pela clareza da atmosfera do planeta e ocultaram as suas feições mais conhecidas.

Até os jornais diários acabaram por acordar para as perturbações, e surgiram notas populares aqui e ali sobre os vulcões de Marte. A revista cómico-séria Punch, lembro-me, fez um uso feliz do assunto numa caricatura política. E, sem que ninguém suspeitasse, aqueles projecteis disparados pelos marcianos aproximavam-se da Terra, correndo agora a muitas milhas por segundo através do vazio do espaço, hora a hora, dia a dia, cada vez mais perto. Parece-me hoje quase inacreditavelmente admirável que, com semelhante destino suspenso sobre nós, os homens continuassem as suas pequenas ocupações como se nada fosse. Recordo a alegria de Markham ao conseguir uma nova fotografia do planeta para o jornal ilustrado

que dirigia naqueles dias. As pessoas de hoje mal imaginam a abundância e o dinamismo dos jornais do século XIX. Quanto a mim, ocupava-me muito em aprender a andar de bicicleta e em preparar uma série de artigos sobre o provável desenvolvimento das ideias morais à medida que a civilização progredia.

Uma noite (o primeiro projectil não devia então estar a mais de dez milhões de milhas) fui dar um passeio com a minha mulher. Estava estrelado e expliquei-lhe os sinais do Zodíaco, apontando Marte, um ponto brilhante que subia para o zénite e para o qual tantos telescópios se voltavam. Era uma noite quente. Ao voltarmos, passou por nós um grupo de excursionistas de Chertsey ou Isleworth, cantando e tocando música. Havia luzes nas janelas altas das casas, enquanto as pessoas se deitavam. Da estação ferroviária distante vinham os sons dos comboios a manobrar, tilintando e ribombando, suavizados quase em melodia pela distância. A minha mulher chamou-me a atenção para o brilho dos sinais vermelhos, verdes e amarelos pendurados num suporte contra o céu. Tudo parecia tão seguro e tranquilo.

II. A ESTRELA CADENTE

Veio então a noite em que caiu a primeira estrela. Avistaram-na de madrugada, a sulcar o céu sobre Winchester na direcção de leste, uma risca de fogo alto na atmosfera. Centenas de pessoas devem tê-la visto e tomado por uma estrela cadente vulgar. Albin descreveu-a como deixando atrás de si um rasto esverdeado que brilhou durante alguns segundos. Denning, a maior autoridade em meteoritos que tínhamos, afirmou que a altura do seu primeiro aparecimento rondaria as noventa ou cem milhas. Pareceu-lhe que o objecto caiu na Terra a cerca de cem milhas a leste de onde ele se encontrava.

Eu estava em casa nessa hora, a escrever no gabinete; e embora as minhas janelas francesas dessem para Ottershaw e a persiana estivesse levantada — pois gostava, naqueles dias, de contemplar o céu nocturno —, nada vi. No entanto, a mais estranha de todas as coisas que alguma vez chegaram à Terra do espaço exterior deve ter caído enquanto eu ali estava sentado, visível para mim se apenas tivesse erguido os olhos ao passar. Alguns dos que viram o seu voo dizem que veio acompanhada de um silvo. Eu não ouvi nada disso. Muita gente em Berkshire, Surrey e Middlesex deve ter assistido à queda e, quando muito, pensado que mais um meteorito descera. Ninguém se deu ao trabalho de procurar a massa caída nessa noite.

Mas muito cedo pela manhã o pobre Ogilvy, que vira a estrela cadente e estava convencido de que um meteorito jazia algures na charneca entre Horsell, Ottershaw e Woking, levantou-se com a ideia de o encontrar. Encontrou-o, pouco depois do amanhecer, não longe das pedreiras de areia. O impacto abrira um buraco enorme, e a areia e o cascalho tinham sido projectados com violência em todas as direcções pela charneca, formando montes visíveis a milha e meia de distância. A urze ardia a oriente, e uma fina fumada azul subia contra o alvorecer.

A própria Coisa jazia quase inteiramente enterrada na areia, no meio dos estilhaços de um pinheiro que despedaçara na descida. A

parte descoberta tinha o aspecto de um enorme cilindro, coberto por uma crosta espessa e escamosa de cor acinzentada que lhe amaciava os contornos. Tinha cerca de trinta jardas de diâmetro. Ogilvy aproximou-se, surpreendido com o tamanho e ainda mais com a forma, pois a maioria dos meteoritos é mais ou menos arredondada. No entanto, o objecto estava ainda tão quente da travessia pela atmosfera que não permitia aproximação. Um ruído de agitação no interior do cilindro atribuiu-o ao arrefecimento desigual da superfície; nessa altura ainda não lhe ocorrera que pudesse ser oco.

Ficou parado à beira da vala que a Coisa abria para si, contemplando a sua aparência estranha, espantado sobretudo pela forma e pela cor invulgares, e pressentindo já, embora vagamente, algum indício de intenção na sua chegada. A manhã estava maravilhosamente calma, o sol, que acabava de ultrapassar os pinheiros em direcção a Weybridge, já aquecia. Não se lembrava de ter ouvido pássaros nessa manhã; não soprava brisa alguma, e os únicos sons eram os leves movimentos vindos do interior do cilindro calcinado. Estava completamente só na charneca.

De repente, sobressaltou-se ao notar que parte da cinza cinzenta, a incrustação pulverulenta que cobria o meteorito, se desprendia da borda circular da extremidade. Caía em flocos e chovia sobre a areia. Um pedaço maior desprendeu-se de repente e caiu com um ruído seco que lhe fez saltar o coração à boca.

Durante um minuto mal compreendeu o que aquilo significava; e embora o calor fosse excessivo, desceu para dentro da vala, aproximando-se do volume para ver melhor. Ainda pensou que o arrefecimento do corpo pudesse explicar o fenómeno, mas o que perturbou essa ideia foi o facto de a cinza cair apenas da extremidade do cilindro.

E então percebeu que, muito devagar, a tampa circular do cilindro rodava sobre o corpo. O movimento era tão gradual que só o notou ao verificar que uma marca preta que estivera perto dele cinco

minutos antes se encontrava agora do outro lado da circunferência. Mesmo assim mal compreendeu o que indicava, até ouvir um rangido abafado e ver a marca negra avançar uma polegada ou duas. Então a verdade caiu-lhe como um raio. O cilindro era artificial — oco — e a extremidade desenroscava-se! Algo no interior do cilindro estava a desenroscar a tampa!

«Meu Deus!», exclamou Ogilvy. «Há um homem aí dentro — homens aí dentro! Meio torrados! A tentar escapar!»

Num salto mental rápido, ligou a Coisa ao clarão visto em Marte.

A ideia da criatura encerrada era tão horrível que esqueceu o calor e avançou para ajudar a rodar. Felizmente a radiação surda deteve-o antes que queimasse as mãos no metal ainda incandescente. Ficou irresoluto um momento, depois virou-se, trepou para fora da vala e partiu a correr desvairado em direcção a Woking. Deviam ser cerca de seis horas. Encontrou um carroceiro e tentou fazer-se entender, mas a história que contou e o seu aspecto eram tão desvairados — o chapéu caíra-lhe na vala — que o homem limitou-se a seguir caminho. Teve igual insucesso com o taberneiro que acabava de abrir as portas da taberna junto à ponte de Horsell. O homem julgou-o um louco fugido e tentou, sem sucesso, encerrá-lo na sala de bebidas. Isso acalmou-o um pouco; e quando viu Henderson, o jornalista de Londres, no jardim, chamou-o por cima da cerca e fez-se compreender.

«Henderson», gritou, «viu aquela estrela cadente ontem à noite?»

«Pois então?»

«Está agora na charneca de Horsell.»

«Meu Deus!», disse Henderson. «Um meteorito caído! Ótimo.»

«Mas é mais que um meteorito. É um cilindro — um cilindro artificial, homem! E há algo lá dentro.»

Henderson ergueu-se com a pá na mão.

«O quê?», perguntou. Estava surdo de um ouvido.

Ogilvy contou-lhe tudo o que vira. Henderson levou um minuto a assimilar. Depois largou a pá, agarrou no casaco e saiu para a estrada. Os dois homens regressaram imediatamente à charneca e encontraram o cilindro na mesma posição. Mas agora os sons no interior haviam cessado, e uma fina orla de metal brilhante aparecia entre a tampa e o corpo do cilindro. O ar entrava ou saía pela fresta com um silvo ténue.

Escutaram, bateram com um pau no metal escaldado e escamoso, e, sem resposta, concluíram ambos que o homem ou os homens lá dentro deviam estar inconscientes ou mortos.

Claro que nada podiam fazer. Gritaram palavras de conforto e promessas, e voltaram à vila para pedir ajuda. Imagina-se os dois, cobertos de areia, excitados e descompostos, correndo pela ruazinha ao sol vivo, justamente quando os lojistas tiravam as portadas e as pessoas abriam as janelas dos quartos. Henderson dirigiu-se logo à estação ferroviária para telegrafar a notícia a Londres. Os artigos dos jornais já tinham preparado as mentes para acolher a ideia.

Às oito horas já vários rapazes e homens sem ocupação se dirigiam à charneca para ver os «homens mortos de Marte». Foi assim que a história correu. Soube dela primeiro pelo meu rapaz dos jornais, cerca de um quarto para as nove, quando saí para comprar o Daily Chronicle. Fiquei naturalmente surpreendido e não perdi tempo: saí logo, atravessei a ponte de Ottershaw e dirigi-me às pedreiras de areia.

III. NA CHARNECA DE HORSELL

Encontrei uma pequena multidão de talvez vinte pessoas em redor do enorme buraco onde jazia o cilindro. Já descrevi a aparência daquela massa colossal, cravada no solo. A relva e o cascalho à volta pareciam chamuscados, como se uma explosão súbita os tivesse atingido. Sem dúvida o impacto provocara um clarão de fogo. Henderson e Ogilvy já não estavam ali. Julgo que perceberam que, por agora, nada havia a fazer e foram tomar o pequeno-almoço em casa de Henderson.

Quatro ou cinco rapazes sentavam-se na borda da vala, com as pernas penduradas, entretendo-se — até eu os mandar parar — a atirar pedras àquele gigante. Depois de lhes falar, começaram a brincar ao «apanha-me» por entre o grupo de curiosos.

Entre estes contavam-se dois ciclistas, um jardineiro eventual que eu contratava por vezes, uma rapariga com um bebé ao colo, Gregg o talhante e o filho pequeno, além de dois ou três vadios e carregadores de tacos de golfe que costumavam rondar a estação. Falava-se pouco. A maior parte das pessoas simples de Inglaterra, naqueles dias, mal tinha noções vagas de astronomia. Quase todos fitavam em silêncio a extremidade circular do cilindro, que permanecia tal como Ogilvy e Henderson a haviam deixado. Creio que a expectativa popular de encontrar um monte de cadáveres carbonizados se viu defraudada por aquela massa inanimada. Alguns foram-se embora enquanto ali estive, e outros chegaram. Desci à vala e julguei sentir um leve movimento sob os pés. A tampa já não rodava.

Só quando me aproximei tanto é que a estranheza daquele objecto se me tornou evidente. À primeira vista não era mais impressionante do que uma carruagem tombada ou uma árvore atravessada na estrada. Até menos. Parecia um flutuador de gás enferrujado. Era preciso algum conhecimento científico para notar que a crosta cinzenta da Coisa não era um óxido vulgar, que o metal amarelado-branco que luzia na fenda entre a tampa e o cilindro